

IMAGENS DA DESIGUALDADE RACIAL ENTRE SUJEITOS ESCOLARES

IMAGES OF RACIAL INEQUALITY AMONG SCHOOL SUBJECTS

Paula Alexandra Reis Bueno¹

Roberto Eduardo Bueno²

Resumo

O objetivo deste trabalho foi investigar como os sujeitos inseridos em um universo escolar percebiam a questão da desigualdade racial em seus cotidianos. Na busca do entendimento das relações de desigualdade racial em uma realidade específica, a Escola Estadual Professora Abigail dos Santos Correa, estudantes e professores, aproximam-se de uma técnica estatística capaz de produzir imagens do referido espaço social. Após análise qualitativa de 90 entrevistas, os dados tabulados foram processados com Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), um tipo de Análise Fatorial capaz de verificar as relações entre variáveis categorizadas. Os resultados revelaram que a quantidade de sujeitos negros no interior da escola é muito reduzida. Mas mesmo assim, são deles, dos negros, os relatos de sofrimento por desigualdade racial. A ACM evidenciou a relação entre cor preta e os relatos de violência, opressão, calúnia e difamação. Nesta luta por um espaço social a reflexão a respeito de falta de oportunidades cede espaço ao grito pela integridade física, emocional e moral, pelo direito de ir e vir livremente.

Palavras-chave: Desigualdade Social; Políticas Públicas; Educação; Análise de Correspondências Múltiplas; Determinantes Sociais da Saúde.

Abstract

The objective of this work was to investigate how the subjects inserted in a school universe perceived the issue of racial inequality in their daily lives. In the search for understanding the relations of racial inequality in a specific reality, in the State School Professor Abigail dos Santos Correa, students and teacher, approached a statistical technique able to of producing images of social space. After qualitative analysis of 90 interviews, the tabulated data was processed with Multiple Correspondence Analysis (ACM), a type of Factor Analysis able to verify the relationships among categorized variables. The results showed that the number of black people inside the school is very small. But even so the reports of suffering for racial inequality belong to the black ones. The ACM evidenced the relationship between black color and reports of violence, oppression, slander and defamation. In this struggle for a social space, reflection on the lack of opportunities gives way to the cry for physical, emotional and moral integrity, for the right to come and go freely.

Keywords: Social Inequality; Public Policy; Education; Multiple Correspondence Analysis; Social Determinants of Health.

Relato de Experiência: Recebido em 29/05/2019 – Aprovado em 30/06/2019

¹ Doutora em Educação, Professora da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. e-mail: paula.reis@usp.br (autor correspondente)

² Pós-doutorado em Saúde Coletiva, Professor do Bacharelado em Saúde Coletiva e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Paraná. e-mail: roberto.bueno@ufpr.br

1 Introdução

Numa perspectiva bourdieusiana, o conceito de desigualdade social relaciona-se a posições, que os indivíduos assumem num determinado espaço social, que os classificam, hierarquizam e possibilitam privilégios ou mazelas.

Desde tempos remotos as desigualdades se fazem presentes nos diferentes tipos de sociedades humanas, o Sistema de Castas na Índia Antiga é um exemplo. No entanto, Arretche (2015, p. 1) afirma que as democracias do mundo contemporâneo vivenciaram uma substancial e inesperada escalada da desigualdade nas últimas décadas. O Centro de Estudos da Metrópole (CEM), a partir das edições dos Censos Demográficos do IBGE de 1960 a 2010, organizou uma análise das mudanças ocorridas ao longo desse período. O esforço culminou na publicação de textos econômicos e políticos muito distintos (ARRETCHÉ, 2015).

O resultado dos estudos direciona ao entendimento da abstração do termo “desigualdade” e de que no mundo social existem múltiplas desigualdades. Também, que a redução das desigualdades está inter-relacionada ao desenvolvimento da democracia no país. Contudo, a democracia não é condição suficiente para afetar padrões enraizados de distribuição da renda e de acesso a bens públicos, Arretche (2015, p. 7) afirma que os “deslocamentos nos padrões de desigualdade requerem políticas implementadas por um longo período de tempo.” A autora acredita que a redução das desigualdades no Brasil no período de 1960 a 2010 não foi o resultado de nenhum fator isolado, mas da combinação de diferentes políticas, voltadas a públicos distintos, com efeitos no decorrer de um tempo preciso. Desta forma, sinaliza cinco dimensões centrais da desigualdade: 1) Participação Política; 2) Educação e Renda; 3) Políticas Públicas; 4) Demografia; 5) Mercado de Trabalho.

Em todas estas dimensões a questão racial sofre com as desigualdades, pois, em relação à participação política, a barreira educacional e de renda capacitam distintamente os eleitores para enfrentar os alistamentos, deslocamentos e informações eleitorais. Ainda, as associações da sociedade civil são afetadas pela localização territorial dos conselhos, que por sua vez sofre pelas desigualdades entre os municípios e bairros. Em

relação à educação e renda, Arretche (2015, p. 10) afirma que a origem social afeta o acesso à educação e o desempenho escolar, assim como os títulos escolares distingue os indivíduos no mercado de trabalho. Desta forma, educação e renda afetam todas as dimensões da desigualdade.

Ademais, conforme o estudo citado, a desigualdade entre brancos e não brancos inicia-se no acesso aos bancos do Ensino Fundamental, mas é na educação superior que as diferenças se acentuam. Ainda que pretos e pardos ingressem paulatinamente nas universidades, eles representavam menos de 25% da população universitária em 2010, e em profissões de menor prestígio.

Fanon (1961) descreve uma origem histórica para essa situação e denuncia um mundo sectarizado, dividido em dois (FANON, 1961, p. 32-33). Para ele, o mundo colonial é compartimentado e pode ser recordado a existência de cidades indígenas e cidades europeias, de escolas para indígenas e escolas para europeus, assim como pode se recordar o apartheid na África do Sul. Ainda, pode-se evidenciar algumas linhas de força, como disposição geográfica, distribuição de bens, poder armado e formas estéticas morais, que reorganizará a sociedade, trazendo uma atmosfera de submissão e inibição.

Ribeiro e Schlegel (2015, p. 133-162) percebem desigualdades de renda entre indivíduos com o mesmo nível de escolaridade, pois as diferenças de sexo e raça afetam o ingresso na carreira universitária, assim como o acesso aos cursos com maior prestígio. Os autores percebem que houve um crescimento expressivo da participação de pobres, mulheres, pardos e pretos na vida universitária (sendo as mulheres as mais bem-sucedidas, ingressando inclusive em cursos de maior prestígio). No entanto, os pretos são aqueles que têm as menores taxas de ingresso no ensino superior, e ingressam nas profissões de menores prestígios. Além disso, mulheres, pardos e pretos recebem rendimentos inferiores, mesmo quando possuem as mesmas titulações que os homens brancos. Estes achados demonstram que as observações de Fanon (1961), sobre um mundo dividido em dois, ainda são pertinentes.

Por vezes as grandes desigualdades econômicas e sociais parecem continuar sem solução, ou até

mesmo se agravarem (BARROS; HENRIQUES; MENDONÇA, 2000). A partir da análise das mudanças ocorridas no Brasil ao longo de 1960 a 2010, o CEM pode verificar que o país da década de 1960 era predominantemente rural, apresentando igualdade de pobreza e um mercado de trabalho masculino. A partir da década de 1970, se evidenciou que a variável tempo de estudo das mulheres impactaram a taxa de natalidade, as mais estudadas passam a ter menos filhos, aproximadamente dois, em contraste com as mulheres menos estudadas que ainda tinham em média seis filhos, o que restringia o mundo feminino ao trabalho doméstico. A partir de 2010 há uma entrada massiva de mulheres no mundo escolar e do trabalho. No entanto, isso não se traduziu em salários iguais. Outras questões apresentadas se referem às desigualdades entre brancos e não brancos, que se iniciava no acesso aos bancos do Ensino Fundamental. Em 2010 o país era altamente urbanizado e os níveis de escolaridade haviam mudado radicalmente. Houve também um declínio do catolicismo e instalou-se o pluralismo religioso.

Na área da saúde, o conceito de determinantes sociais enfatizando às desigualdades sociais e étnico/raciais esteve presente na literatura especializada e, em parte, contribuiu para a criação da Comissão Internacional sobre Determinantes Sociais da Saúde, instituída pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 2008), que criticou a visão utilitarista de que a saúde é apenas um recurso para o desenvolvimento econômico, reforçando a importância das condições socioeconômicas que contribuem para os resultados de saúde de uma população. Quanto maior a pobreza, maiores os níveis de doença e mortalidade prematura; e quanto menor a posição socioeconômica, pior o estado de saúde, seguindo um gradiente social (KADT; TASCA, 1993; WHITEHEAD, 2000; NUNES et al., 2001; CHIESA; WESTPHAL; KASHIWAGI, 2002; MOYSÉS et al., 2003; MARMOT, 2006; BUENO; MOYSÉS; MOYSÉS, 2010; BUENO; MOYSÉS; BUENO, 2013).

Os membros da Comissão de Determinantes Sociais da Organização Mundial da Saúde propuseram uma base conceitual para análise e ação em relação aos determinantes sociais da saúde. Esta base ilustra as maneiras pelas quais os determinantes sociais afetam os resultados de saúde, explicando as

ligações entre eles e os caminhos em que contribuem para as iniquidades em saúde entre os grupos da sociedade, reforçando a crescente evidência da estratificação social do estado de saúde (WHO, 2008).

A formulação de políticas governamentais e estaduais baseadas no princípio da equidade “compreende que os indivíduos são diversos entre si, merecendo diferentes modos para a redução das desigualdades sociais, raciais, étnicas, culturais e socioambientais existentes. Desta forma, as pessoas pobres necessitam de mais recursos públicos (NUNES *et al.*, 2001). Assim, a análise das diferenças encontradas na população em relação ao acesso aos serviços de saúde conforme as diferenças étnico/raciais deve incorporar a equidade ao priorizar ações coletivas. A consolidação do conceito de equidade nas ações de promoção da saúde deve contemplar as “chances de vida” de determinada população, incorporando seus determinantes socioeconômicos, ambientais, raciais, étnicos, culturais e políticos e não apenas fatores de risco biológicos e individuais específicos (KADT; TASCA, 1993). WHITEHEAD, 2000; CHIESA; WESTPHAL; KASHIWAGI, 2002). Para Fanon (1961, p. 35-38) as realidades econômicas e as desigualdades do mundo colonial se evidenciaram nos diferentes modos de vida, não sendo possível esconder as realidades humanas e a divisão entre as raças, desvendando um caráter totalitário do colonialismo, desumanizando o colonizado.

Também encontramos evidências das desigualdades raciais refletidas na situação de saúde das pessoas, principalmente na perspectiva do campo da Promoção da Saúde. Iniciativas de promoção da saúde são caracterizadas pelas ações desenvolvidas sobre as desigualdades raciais, étnicas, culturais, econômicas e por sua concepção holística, intersetorialidade, empoderamento da comunidade, participação social, equidade, ações envolvendo múltiplas estratégias e sustentabilidade (WHO, 2000). A política de promoção da saúde envolve diversas abordagens, levando em consideração as diferenças raciais, étnicas, sociais, culturais, políticas e econômicas de cada país (WHO, 1986).

Na dimensão das Políticas Públicas, as desigualdades raciais também precisam ser discutidas e pautadas como no caso da Política

Nacional de Promoção da Saúde, no Brasil, lançada em março de 2006 e revisada em 2014. Nela, as desigualdades raciais estão contempladas conceitualmente pois esta Política baseia-se no conceito mais amplo de saúde e indica estratégias para “promover o desenvolvimento humano e reduzir a vulnerabilidade e os riscos à saúde relacionados aos seus determinantes sociais - modos de vida, condições de trabalho, habitação, meio ambiente, educação, lazer, cultura, acesso a bens e serviços essenciais”. Para que isso seja alcançado, é fundamental minimizar as desigualdades raciais, étnicas, sociais, regionais, de gênero e sexuais, entre outras. Isso reforça o reconhecimento da saúde como sendo o resultado de vários determinantes, incluindo fatores raciais, étnicos, sociais, econômicos e socioambientais. Percebe-se que a reunião de diversas formas de conhecimento, sejam elas científicas, políticas ou populares, articuladas pelos diversos atores sociais envolvidos em sua construção, por meio da autonomia individual e coletiva, são formas de alcançar a efetividade das ações que promovem saúde entre todas as raças e etnias e um desenvolvimento humano igualitário para a redução das desigualdades sociais (BRASIL, 2010).

Fanon (1961) apresentou diversos exemplos históricos para demonstrar a importância do território e dos instrumentos nas relações de poder entre colonizadores e colonizados. A religião, por exemplo, foi pontuada como um importante instrumento de manobra na busca de uma sociedade mais “harmônica”. Toda essa violência gerou dores e sofrimentos mentais nos colonizados, que reagiram por meio da contra-violência: “Ao nível dos indivíduos, a violência desintoxica. Alivia o colonizado do seu complexo de inferioridade, das suas atitudes contemplativas ou desesperadas. Torna-o intrépido, reabilita-o perante os seus próprios olhos.” (FANON, 1961, p. 91)

Em 2018 o LabMóvelⁱ - Laboratório Móvel de Educação Científica da UFPR Litoral (Universidade Federal do Paraná Setor Litoral) propôs para sua VIII Feira de Ciências do Litoral Paranaense, a temática: Ciência para a redução das desigualdades sociais.

Estudantes e professores da Educação Básica da região foram convidados a preparar trabalhos. Essa foi a motivação para o estudo do tema entre um

grupo de estudantes da Escola Estadual Professora Abigail dos Santos Correa que, orientados por uma professora da instituição, investigaram como os sujeitos, inseridos em um universo escolar específico, percebiam a questão da desigualdade racial em seus cotidianos.

Por meio deste trabalho, os estudantes e professores puderam contribuir para a redução da desigualdade racial, pois conforme Bourdieu (2001) desvendar os condicionantes sociais é a primeira condição para se superá-los.

2 O contexto

O Estado do Paraná localiza-se na região sul do Brasil, e faz divisa com São Paulo, ao Norte, Santa Catarina ao Sul, Mato Grosso do Sul a Noroeste, Argentina a Sudoeste, Paraguai a Oeste e o oceano Atlântico banha o leste do estado. Conforme o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES, 2018), o estado contém 399 municípios agrupados em 10 mesorregiões.

O Litoral do Estado do Paraná localiza-se na mesorregião geográfica metropolitana de Curitiba e na microrregião geográfica Paranaguá, sendo composto por 7 municípios: Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná.

A VIII Feira de Ciências do Litoral Paranaense, promovida pelo LabMóvel (2018), envolveu estes sete municípios e contou com exposições públicas, que foram realizadas na cidade de Paranaguá, entre os dias 23 a 25 de outubro de 2018.

A presente pesquisa foi realizada por sujeitos do universo escolar da Escola Estadual Professora Abigail dos Santos Correa, que se situa na cidade de Matinhos, no balneário Rivieira. Trata-se de uma instituição pública, estadual, de Ensino Fundamental II, que se localiza na região periférica do município. Três estudantes do 8º ano, e uma professora foram os responsáveis pela investigação, que conforme mencionado, objetivou verificar como os sujeitos do universo escolar da referida instituição percebiam a questão da desigualdade racial em seus cotidianos. A pesquisa recebeu a premiação de segundo lugar na categoria Ensino Fundamental II em equipe na VIII Feira de Ciências do Litoral Paranaense.

3 Metodologia

Após leituras para compreensão teórica da temática em questão e definição do recorte da investigação, dirigiu-se à secretaria da escola para verificar quais e quantos sujeitos compunham os quadros de Agentes Educacionais I (agentes de limpeza e merendeiras), Agentes Educacionais II (Secretária e auxiliares administrativos), Diretores, Pedagogos, Docentes e Estudantes.

Verificou-se que a escola era composta por: quatro Agentes Educacionais I; três Agentes Educacionais II; uma Diretora; duas Pedagogas; 30 Docentes; e 257 Estudantes. Somando um total de 297 sujeitos escolares (indivíduos).

Realizou-se entrevistas com os sujeitos a fim de perceber quais eram as percepções a respeito da desigualdade racial na comunidade escolar. Portanto, optou-se por trabalhar com uma amostra de 30% dos indivíduos do universo escolar, por segmento. Estabeleceu-se como critério para a composição da amostra contemplar ambos os sexos e as diversas cores declaradas. Para isso, primeiramente verificou-se as cores declaradas em cada segmento.

Então realizou-se um sorteio para a seleção da amostragem. A amostra totalizou 90 indivíduos entrevistados e contou com um roteiro semiestruturado que buscou compreender se os indivíduos vivenciaram ou presenciaram alguma situação de desigualdade racial em seus respectivos meios. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas.

Processou-se a tabulação dos dados com o auxílio do software computacional Excel, categorizando numericamente com 1 e 2 as questões de resposta sim ou não, e mantendo as falas dos indivíduos nas respectivas colunas das variáveis. Após a leitura exaustiva dos relatos e argumentações dos indivíduos, agrupou-se as respostas referentes as percepções da desigualdade e sofrimento por questões raciais nas categorias temáticas, conforme apresentadas no quadro 1.

A partir dessa classificação, processou-se uma análise estatística descritiva seguida de uma Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), com o auxílio do software computacional SPSS. A ACM é um tipo de Análise Fatorial capaz de explorar as relações entre as múltiplas variáveis categorizadas.

A ACM é entendida como um método de redução de dados na medida em que permite representar num espaço de menores dimensões a estrutura multifacetada e relacional do espaço de partida (CARVALHO, 2008).

QUADRO 1 - VARIÁVEIS EM ANÁLISE NO ESTUDO

1. Cor
Branca
Preta
Parda
Amarela
Outros
2. Você percebe desigualdade racial em seu cotidiano?
Sim
Não
3. Categorias das Percepções de Desigualdades Raciais:
Não se aplica/não resposta
Desrespeito
Falta de oportunidades
Desfavorecimento
Violência/Opressão
4. Você sofreu ou sofre desigualdade racial?
Sim
Não
5. Categorias dos Sofrimentos em Decorência das Desigualdades Sociais:
Não se aplica/não resposta
Bullying
Desrespeito
Violência/Opressão
Calúnia/Difamação

Fonte: Os Autores (2019).

A representação das categorias tem por objetivo fazer a análise das associações entre as categorias das múltiplas variáveis; e a representação dos objetos (indivíduos) permite avaliar a sua posição relativa no espaço das categorias que os caracterizam. (BUENO, 2017).

4 Resultados e discussão

No corpo funcional da escola e entre as pedagogas e diretora não foram encontrados indivíduos negros. Foi encontrado número muito reduzido entre professores e estudantes. Desta

forma, todos os 4,66% indivíduos autodeclarados negros foram entrevistados, compondo-se de 12 indivíduos que representaram 13,3% da amostra. Procedeu-se o sorteio para a seleção dos demais integrantes da amostra, que se compôs de um total de 90 sujeitos: um Agente Educacional I, um Agente Educacional II, uma Pedagoga, uma Diretora, nove professores e 77 estudantes.

A análise estatística descritiva revelou a composição da amostragem com maioria de 51,1% de brancos, seguida de 35,6% pardos e apenas 13,3% negros, corroborando com os achados de Arretche (2015) e evidenciando que o acesso ao Ensino Fundamental apresentou desigualdades de cor e raça, no contexto investigado, conforme a tabela 1.

TABELA 1 – NÚMERO DE INDIVÍDUOS E PORCENTAGEM DE COR DECLARADA

Cor	N	%
Branca	46	51,1
Preta	12	13,3
Parda	32	35,6
Total	90	100,0

Fonte: Os Autores (2019).

Em relação aos que declararam perceber alguma desigualdade racial no dia-a-dia, a etapa qualitativa da investigação agrupou as respostas em quatro categorias, as quais: 1. Desrespeito; 2. Falta de oportunidades; 3. Desfavorecimento; 4. Violência.

Assim, as falas categorizadas como **desrespeito** relacionavam-se a piadas de mau gosto e agressões verbais diversas, que foram aferidas em falas como:

I 78 - Chamavam meu pai de encardido...

I 70 - Já vi pessoas falarem que uma menina que tinha cabelos crespos tinha piolho só por causa do tipo de cabelo... Dizendo para eu não andar com ela se não ia pegar piolho...

I 65 - Piadas e brincadeiras de mau gosto.

Evidenciar esses desrespeitos é uma forma de contribuir para compreensão da dimensão do humano, a partir do remontar-se pelos caminhos da história, de perceber suas formas de interação social e assim, conforme proposto por Fanon (1961, p. 313), a importância para todos de tornar possível o reencontro entre homens e mulheres, entre identidades e alteridades.

A **falta de oportunidades** foram percebidas em falas como:

I 63 - As pessoas brancas tem mais chances de conseguir um trabalho.

I 61 - É uma exploração para elas... Os brancos tem mais oportunidades.

I 57 - Nas ruas porque é mais fácil contratarem um branco que um preto.

O **desfavorecimento** em falas como:

I 74 - Nas filas de hospitais... perde a pressa quando é a vez do negro...

I 71 - Já vi um pai proibir a filha de sair de casa porque ela estava querendo namorar um negro, pois não aceitava ter um negro na família

E a **violência** em falas:

I 82 - Estávamos eu, minha irmã e meu cunhado no banco e barraram meu cunhado, não o deixando entrar... Penso que fizeram isso só porque ele é negro

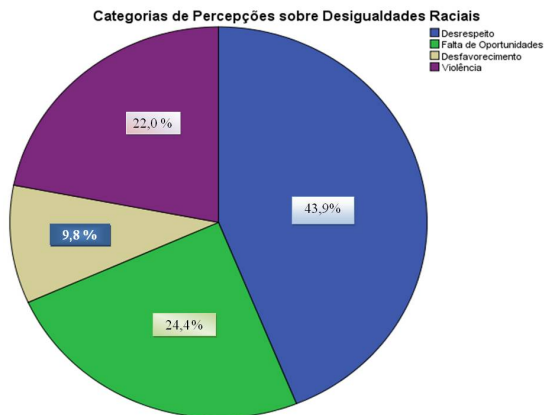
I 80 - Na escola chegou um grupo de meninos com 3 pessoas e 1 deles ficava isolado porque era negro... Os colegas ficavam chamando de várias coisas ruins... Porém ele contou para a diretora e eles foram suspensos

I 71 - ...chamando negros de macaco, fedido, sujo... fazendo com que ninguém conversasse ou olhasse para ele...

Fanon (1961, p. 332) conclama para a necessidade da mudança de rumo, sair da negligência, para um estado de firmeza e resolução; Para ele (*id.*, 337) isso é possível quando se conduz os sujeitos por direções que não os mutilem, que não impõem ritmos que bloqueiam ou perturbam. Finalmente, o autor alerta: “A cultura negro-africana condensa-se em torno da luta dos povos e não em redor dos cantos, dos poemas ou do folclore” (FANON, 1961, p. 247).

A etapa quantitativa demonstrou que 43,9 % das respostas citavam questões relacionadas ao desrespeito, 24,4% respostas relacionadas a falta de oportunidades, 22% relacionadas à violência e 9,8% respostas relacionadas a algum tipo de desfavorecimento em virtude da cor, conforme figura 1.

FIGURA 1 – CATEGORIAS DE PERCEPÇÕES DE DESIGUALDADE NO COTIDIANO



Fonte: Os Autores (2019).

Em relação ao sofrimento em virtude da cor, as falas foram categorizadas em 1. *Bullying*; 2. Desrespeito; 3. Violência/Opressão; e 4. Calúnia/Difamação.

Na categoria *bullying* agruparam-se os relatos de desrespeito recorrente, com agressões repetitivas e que geram dor para a vítima. Alguns sofrimentos eram decorrentes de *bullying* apoiados na qualidade da cor branca intensa:

I 15 - ...me chamavam de branquela...

I 70 - Já me chamaram fantasma... Leite, múmia, lua, etc.

Mas dos negros foram a maioria das falas:

I 86 - Meus amigos me chamavam de macaco...

I 32 - O meu amigo é mulato e chamam ele de chocolate, preto, macaco...

I 34 - Meu primo é moreno e chamam ele de macaco, preto e outras coisas desse tipo...

Na categoria **desrespeito** ficaram agrupadas fala como:

I 56 - O chão estava barrento e o meu colega de sala falou que seria mais eficiente utilizar o meu cabelo para limpar o chão.

Da categoria **Violência** e/ou **Opressão** algumas falas:

I 36 - Pessoas me encarando dentro do ônibus...

I 58 - Sendo maltratado no supermercado... Uma vez ficam me seguindo e depois pediram para conferir as compras com o cupom... sabe umas coisas...

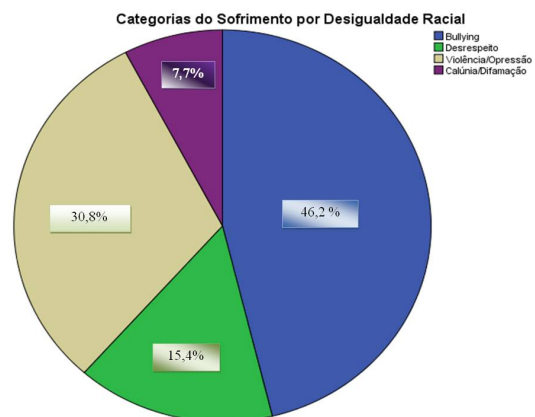
I 84 Quando eu estudava no Luiz Carlos eles me batiam e xingavam porque eu sou negra.

Na categoria **Calúnia** e/ou **Difamação** falas como:

I 37 - Fui acusada de roubo e achei que o motivo era o fato de ser negra.

A porcentagem de respostas em cada uma das categorias foi aferida na etapa da análise estatística descritiva, a qual: *Bullying* 46,2%; Desrespeito 15,4%; Violência/Opressão 30,8% e Calúnia/Difamação 7,7%, conforme figura 2.

FIGURA 2 - PORCENTAGEM DE RESPOSTA POR CATEGORIA DO SOFRIMENTO POR DESIGUALDADES RACIAIS



Fonte: Os Autores (2019).

Por vezes, situações de desigualdade racial são extremamente veladas. Mesmo as vítimas podem se considerar culpadas pelas situações de discriminação e preconceito. Paulo Freire (2005) percebeu que o oprimido, muitas vezes se sente inferiorizado e busca imitar seu opressor, o autor declara que em certo momento da experiência existencial dos indivíduos existe uma atração por seu opressor, por seu estilo de vida. E então o autor complementa: "Participar destes padrões constitui uma incômoda aspiração. Na sua alienação, querem a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo." (FREIRE, 2005, p. 55)

Para Fanon (1961), assim como para Memmi (2007) - ambos autores que serviram de referência para estes escritos de Freire - a violência praticada no regime colonial gerou uma contraviolência, muitas vezes praticada contra o mais frágil, uma violência em cadeia. Fanon afirma:

Mas sucede que para o povo colonizado esta violência, como constitui o seu único

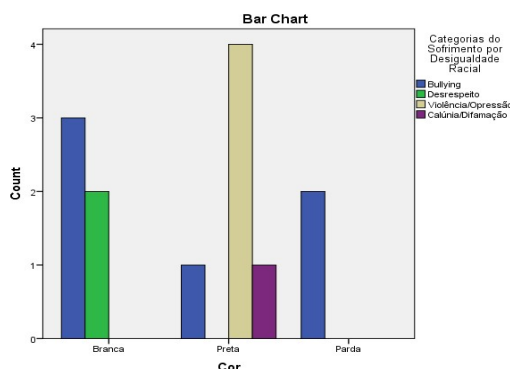
trabalho, reveste caracteres positivos, formativos. Esta prática violenta é totalizadora, dado que cada um se converte num malho violento da grande cadeia, do grande organismo violento aparecido como reacção à violência primária do colonialista. Os grupos reconhecem-se entre si e a nação futura já é indivisível. A luta armada mobiliza o povo, isto é, lança-o numa mesma direcção, num sentido único. (FANON, 1961, p. 90).

De forma muito semelhante Memmi (2007), descreve que os colonizados buscam modificar sua condição e “Por isso, eles se esforçam para se assemelhar ao colonizador, na esperança declarada de que este pare de reconhecê-los como diferentes” (2007, p. 48). E o autor complementa que “Ao decidirem se colocar a serviço do colonizador e defender exclusivamente os interesses dele, acabam adotando sua ideologia, mesmo em detrimento do próprio grupo e de si mesmos”. (MEMMI, 2007, p. 49).

Mas para Fanon (1961, p. 92 e p. 153), esse sentimento pode ser utilizado na organização de movimentos sociais e militância em direcção ao combate das injustiças advindas das desigualdades raciais.

No presente estudo, a relação entre as categorias de sofrimento e a cor declarada estiveram diretamente associadas. Foi possível aferir que respostas da categoria 3. Violência e/ou Opressão e da categoria 4. Calúnia e difamação, estiveram relacionadas com a cor preta, conforme verifica-se na figura 3.

FIGURA 3 – RELAÇÃO ENTRE SOFRIMENTO E COR



Fonte: Os Autores (2019).

O sofrimento em virtude de questões raciais concentrou-se especialmente entre os de cor preta. Os achados constituíram motivação para realizar uma técnica estatística capaz de verificar a relação

entre as múltiplas variáveis categorizadas. Para isso utilizou-se da Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), técnica explanada na sessão metodologia.

A ACM foi efetivada em duas dimensões após a análise da curva das medidas de discriminação pela $r_{max}=16$, conforme os dados da pesquisa e a fórmula $r_{max}=\min \{(n-1), (p-\max(m1, 1))\}$.

Pela ACM primeiramente foi possível verificar que existe uma relação de dupla pertença entre cor e categorias de percepção e de sofrimento devido à desigualdade racial; ou seja, a cor interfere na percepção da desigualdade e no sofrimento em virtude das questões raciais. É possível aferir esse resultado na figura 4.

FIGURA 4 – COR E CATEGORIAS DE PERCEPÇÃO E SOFRIMENTO POR DESIGUALDADE RACIAL

Fonte: Os Autores (2019).

Projetando no plano as cores declaradas, foi possível verificar que brancos ficaram situados no 1º (primeiro) quadrante, na parte superior esquerda do plano. Pardos situaram-se no 3º (terceiro) quadrante, parte inferior esquerda do plano. E, pretos situaram-se no 4º (quarto) quadrante, parte inferior direita do plano (Figura 5).

Aferiu-se que a variável “sofrimento por questões raciais” se concentrou no mesmo quadrante dos indivíduos de cor preta. Segue a apresentação deste dado na figura 6, a projeção da variável “Sofre com desigualdades raciais no seu cotidiano?”, a qual apresentava apenas as categorias sim e não. Verifica-se poucas exceções de respostas sim no quadrante de brancos e muitas categorias sim no quadrante dos pretos.

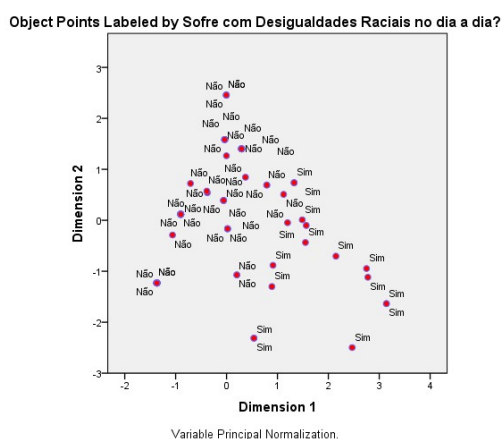
FIGURA 5 – PROJEÇÃO NO PLANO CONFORME COR DECLARADA

Fonte: Os Autores (2019).

Pardos parecem se colocar numa situação bastante neutra, negando tanto o sofrimento por questões de desigualdades raciais como a percepções delas em seus cotidianos. Sobre esta questão volta-se novamente à Fanon para reflexão:

A frente da fome e a obscuridade, a frente da miséria e a consciência embrionária devem estar presente no espírito e nos músculos dos homens e das mulheres. O trabalho das massas, a sua vontade de vencer as calamidades que as excluíram da história do pensamento humano durante séculos, devem fundar-se sobre todos os povos subdesenvolvidos. (FANON, 1961, p. 210).

FIGURA 6 – PROJEÇÃO NO PLANO DA VARIÁVEL DE SOFRIMENTO POR QUESTÕES RACIAIS



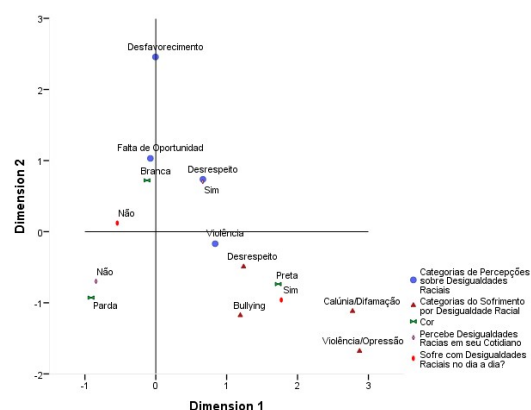
Fonte: Os Autores (2019).

Realizando a análise com a projeção no plano de todas as variáveis foi possível a construção do presente figura 7.

Com a análise do gráfico do plano da ACM com a projeção das cinco variáveis em análise, foi possível verificar que no quadrante onde situam-se os indivíduos de cor negra se concentraram as categorias relacionadas ao sofrimento por desigualdades sociais, como a calúnia, a difamação, a violência, a opressão, o *bullying* e o desrespeito.

No primeiro quadrante, onde situam os brancos, concentram-se as categorias relacionadas à percepção de desigualdades raciais, em especial, o desrespeito e a noção de falta de oportunidades das populações negras.

FIGURA 7 – PROJEÇÃO NO PLANO DE TODAS AS VARIÁVEIS EM ANÁLISE



Fonte: Os Autores (2019).

Esse plano levou a reflexão que os negros lutam por sua integridade física, mental e moral. Sofrem com desrespeito, *bullying*, calúnia, difamação e violência física. Como o sofrimento é recorrente neste grupo, o polo dos indivíduos declarados de cor branca concentrou os sujeitos que mais percebem a questão das desigualdades, ou seja, enquanto os brancos experienciam reflexões sobre as desigualdades raciais, negros lutam pela defesa do seu espaço social, pelo direito de ir e vir, pelo trabalho e educação.

O diálogo com os diversos autores que têm escrito sobre o tema alerta para a importância do desenvolvimento humano, de uma forma solidária e holística. Na aspiração de Fanon (1961) relembra-se: “... a guerra continua. E teremos de curar, durante muitos anos, as feridas múltiplas e às vezes indelévelas infligidas aos nossos povos...” (FANON, 1961, p. 262).

4 Conclusão

O presente estudo buscou verificar as percepções dos sujeitos do universo escolar, da Escola Estadual Abigail dos Santos Correa, a respeito de desigualdades raciais em seus cotidianos.

Para tanto foram realizadas entrevistas com 90 indivíduos, que compuseram uma amostragem de 30% da população dos sujeitos em análise. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Depois de realizadas leituras exaustiva no material, procedeu-se a tabulação dos dados com definição de categorias analíticas.

Portanto foi possível averiguar declarações de preconceito e discriminação racial que geraram desigualdades. Ademais, elencou-se as categorias desrespeito, falta de oportunidades, desfavorecimento e violência, como categorias percebidas pelos indivíduos no cotidiano da escola e do entorno onde os entrevistados residiam.

Para além, foram relatadas situações de sofrimento por questões relacionadas a cor e raça, as quais puderam ser classificadas em categorias como *bullying*, desrespeito, violência, opressão, calúnia e difamação.

Foi realizada uma ACM no sentido de perceber a relação entre as variáveis em análise e foi possível verificar que a cor se relaciona com a maneira como se percebe a questão das desigualdades raciais, assim como se sofre por elas.

Nesse sentido, negros são os que mais sofrem por questões relacionadas a cor e raça. Houve alguns relatos de desrespeito e até *bullying* sofrido por pessoas brancas; de serem chamadas de fantasma, leite, múmia. Mas, são os negros que irão denunciar assédio, como ser perseguido no supermercado, ou ser impedido de entrar na agência bancária... calúnia, de ser acusada indevidamente de roubo... ser chamado diariamente de macaco, fedido e outros xingamentos dos praticantes de *bullying*. Situações como essas são apresentadas nos gráficos das ACM, com imagens das situações de desigualdade raciais no cotidiano da escola e em seu entorno.

O trabalho foi apresentado na VIII feira de ciência do litoral paranaense, promovida pelo LabMóvel da UFPR Litoral e recebeu premiação de 2º colocado na categorial em que concorreu.

Também foi foco de seminário e debates no interior da escola.

Todas essas atividades fizeram com que o presente estudo promovesse a reflexão a respeito de situações de desigualdades raciais no intuito de superá-las. Desta forma acredita-se estar contribuindo para a redução de desigualdades raciais a partir da sensibilização e análise crítica dos dados aqui apresentados, no sentido de promover a compreensão da dimensão do humano a partir de sua percepção das relações sociais estabelecidas e do encontro entre alteridades e identidades.

Espera-se que a presente leitura contribua para as lutas que se tem travado a respeito da redução das desigualdades, do apoio às políticas afirmativas e a uma maneira mais humana de nos relacionarmos em sociedade.

Referências

- ARRETCHE, M. **Trajetória das Desigualdades**: Como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. São Paulo: UNESP/CEM, 2015.
- BARROS, R. P.; HENRIQUES, R.; MENDONÇA, R. A estabilidade inaceitável: desigualdade e pobreza no Brasil. In: HENRIQUES, R. **Desigualdade e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. p. 21-47.
- BOURDIEU, P. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- BUENO, P. A. R. **Socialização de jovens professores nas licenciaturas em música do Paraná**. 290 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2017.
- BUENO, R. E.; MOYSÉS, S. J.; MOYSÉS, S. T. Millennium development goals and oral health in cities in southern Brazil. **Community Dentistry and Oral Epidemiology**, v. 38, n. 3, p. 197-205, 2010.
- BUENO, R. E.; MOYSÉS, S. T.; BUENO, P. A. R., MOYSÉS, S. J.; CARVALHO, M. L.; FRANÇA, B. H. S. Sustainable development and child health in

the Curitiba metropolitan mesoregion, State of Paraná, Brazil. **Health & Place**, v. 19, p. 167-173, 2013.

CARVALHO, H. **Análise Multivariada de Dados Qualitativos**. Utilização da Análise de Correspondências Múltiplas com o SPSS. Lisboa: Edições Sílabo, 2008.

CHIESA, A. M.; WESTPHAL, M. F.; KASHIWAGI, N. M. Geoprocessing and health promotion: social and environmental inequalities, Brazil. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 5, p. 559-567, 2002.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Lisboa: Editora Ulisseia Ltda, 1961.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br>>. Acesso em: 10/02/2018.

KADT, E.; TASCA, R. **Promoting equity: a new approach based on the health sector**. São Paulo / Salvador: HUCITEC / Italian Cooperative in Health, 1993.

LABORATÓRIO MÓVEL DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPR LITORAL - LABMÓVEL. VIII Feira de Ciências do Litoral Paranaense. 2018 Disponível em: <<http://www.labmovel.ufpr.br/feira-de-ciencias/2018-2/>> Acesso em 10/10/2018.

MARMOT, M. Health in an unequal world. **Lancet**, v. 368, p. 2081-2094, 2006.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MOYSÉS, S. T.; MOYSÉS, S. J.; WATT, R. G.; SHEIHAM, A. Associations between health promoting schools' policies and indicators of oral health in Brazil. **Health Promotion International**, v. 18, n. 3, p. 209-218, 2003.

NUNES, A.; SANTOS, J. R. S.; BARATA, R. B.; VIANNA, S. M. **Measuring health inequalities in Brazil: a monitoring proposal**. Brasília: Pan American Health Organization, Institute of Applied Economic Research, 224 p, 2001.

RIBEIRO, C. C.; SCHLEGEL, R. Estatificação horizontal da educação superior no Brasil (1960-2010). In: ARRETCHE, M. **Trajetória das Desigualdades: Como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos**. São Paulo: UNESP/CEM, 2015. p. 133-162.

WHITEHEAD, M. **The concepts and principles of equity and health**. Copenhagen: World Health Organization, Regional Office from Europe, 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **The Ottawa charter for health promotion**. Geneva: World Health Organization, 1986.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Educational for health: a manual on health education in primary health care**. Geneva: World Health Organization, 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. Commission on Social Determinants of Health. **Closing the Gap in a Generation: Health Equity through Action on the Social Determinants of Health**. Geneva: World Health Organization, 2008.

ⁱ Programa de Educação Científica da UFPR. Para maiores informações acessar: <<http://www.labmovel.ufpr.br/>>